

RESENHA:

CONVERSA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA: POR QUE NÃO?

CONVERSATION AS A RESEARCH METHODOLOGY: WHY NOT?

Sandy Lima Costa¹
Wenderson Silva Oliveira²
Isabel Maria Sabino de Farias³

*Jogo conversa fora
Jogo conversa dentro de outra conversa que rola
Eu me converto em motivo de conversa
Toda conversa tem sua graça
Conversar não custa nada
(Conversa fiada - Augusto Massi)*

Cara leitora, caro leitor, vamos conversar?

Creemos que não é possível precisar o número de vezes que paramos para jogar conversa fora, sem uma direção específica e sem nenhuma intenção de aprisionar as palavras. Elas se demoram, saem livres e flutuam nos *espaçostempos* da imaginação daquelas e daqueles que as ouvem. As conversas nos convidam à inventividade e, por isso, são astutas, porque todo movimento de aprisioná-las falha. São movediças e agem de modo contrário à estaticidade e também são elásticas, por vezes se iniciam, se delongam e retornam ao princípio, às primeiras palavras soltas. Mas, e podemos usar conversas na(s) pesquisa(s) que fazemos? Se podemos, como podemos?

Partindo dessas perguntas, elaboramos essa resenha de uma obra *com* conversas. Destinada às professoras, professores, pesquisadoras e pesquisadores das áreas da educação e da formação docente, a obra "Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?", organizada por Tiago Ribeiro, Rafael de Souza e Carmen Sanches Sampaio (2018), cuja *figurafundo* são os *saberesfazer*s sobre as pesquisas com os cotidianos, nos desafia a pensar em uma nova maneira

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará e professora da rede municipal de São Gonçalo do Amarante, Ceará, Brasil. sandy.lima@aluno.uece.br. <https://orcid.org/0000-0003-3028-7949>.

² Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará e professora da rede municipal de São Gonçalo do Amarante, Ceará, Brasil wendoliveira@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3507-4475>.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação isabelinhasabino@yahoo.com.br. <https://orcid.org/0000-0003-1799-0963>.

de se colocar na pesquisa científica, por meio de uma escuta atenta, de um olhar não indiferente para a singularidade e de um movimento fílmico, ou seja, um movimento para a evidência de elementos ainda não explicitados.

É diante deste mote que o referido livro reúne, em oito capítulos, autoras e autores em uma coletânea sobre conversa enquanto caminho metodológico de pesquisa com os cotidianos, em que o mais importante nessa caminhada é o próprio movimento. No decorrer dos capítulos, por meio de conversa do início ao fim com o leitor, os autores, sob diferentes pontos de vista, tecem elogio a esta nova possibilidade metodológica e a propõem como linha de fuga às normativas científicas erguidas na Modernidade e sustentadas pelas premissas da apreensão da realidade e da busca por verdades absolutas. Com a leitura do livro, é possível constatar que a utilização da conversa permite uma postura mais dialógica em que nos faz pensar em nossa formação e prática, e, assim, (trans)formar a nós mesmas e nosso cotidiano. É o movimento de mergulhar de dentro pra dentro, aprendido com Nilda Alves (2008), no qual todos os sentidos corpóreos se colocam em posição de abertura para tentar apreender a dinamicidade das relações cotidianas, sobretudo as tecidas nas escolas.

No intuito de elucidar a relação viável entre pesquisa e conversa, logo no primeiro capítulo, *Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor?*, Carmen Sanches Sampaio, Tiago Ribeiro e Rafael de Souza apresentam essa nova proposta metodológica como algo mais profundo que uma entrevista quando se pretende pesquisar no/com cotidiano. Na verdade, trata-se de modos diferentes de pensar e fazer pesquisa. Entrevistar pressupõe um roteiro, com perguntas previamente elaboradas pelo entrevistador para serem respondidas pelo entrevistado. Ao realizar uma entrevista, corre-se o risco da fala seguir por um novo caminho e o pesquisador sentir dificuldades em lidar com novos fatos que vão surgindo. Já o conversar implica a circulação da palavra em um movimento fílmico, por meio do pensar(-se) *com* o outro, indo na contramão de algo enraizado, pré-estruturado.

O ato de conversar é comum, faz parte da vida das pessoas; não é algo rígido, mas fluido e aberto ao acaso. Pensando nessa ação espontânea, pesquisa por meio de conversação conduz a desconstrução e reconstrução da própria investigação, em que a busca por respostas não é o mais importante. Ao reconhecer e assumir a conversa como metodologia de pesquisa, significa assumir também que a investigação não tem objetivos fechados, mas sim interesses, o pensar e aprender junto.

Carlos Eduardo Ferraço e Nilda Alves, no segundo capítulo, *Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos – a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades*, entendem que as conversas/conversações mantêm uma ligação bem íntima e profunda com a vida cotidiana, insurgindo nas redes de relações estabelecidas nos múltiplos *espaçostempos* de encontros do/no dia-a-dia. Na perspectiva da autora e do autor, nas conversas, negociamos e expandimos nossas relações sociais, afinal, as conversas nos levam a permanentes movimentos, por meio delas, tecemos nossas redes de saberes. E, por isso, ela e ele (e também nós) entendem que cada conversa é um rizoma, elas podem “[...] enredar os sujeitos, levando-os, dependendo das redes de conversas tecidas, a mudar de ideias” (FERRAÇO; ALVES, 2018, p.45), não porque têm essa pretensão, mas, porque nas trocas, como em rizoma, elas se expandem, nos expandem e nos movimentam para várias linhas de fuga, tal qual nos ensina Deleuze e Guattari (2011).

Conversas também são invenções éticas, estéticas e políticas, por meio delas as pessoas inventam seus cotidianos (CERTEAU, 2014), conduzem-nos à “permanente novidade do mundo” (FERRAÇO; ALVES, 2018, p.47), e apresentam os convites para pensarmos uma ciência desligada dos modelos canônicos de pensar as *práticas políticas* daqueles que praticam os cotidianos diversos. Devemos, portanto, estar prontas e prontos para questionar, tensionar e abandonar os aprisionamentos dos códigos que intentam analisar a realidade como fixa e rígida, para que consigamos agenciar novas propostas, novas problematizações e novas maneiras de pensar com os acontecimentos, os corpos diversos e os fluxos de experiências. É preciso que nos afetemos e, por meio das conversações, “[...] nos deixar levar pelas redes e pelas diferenças que atestam a permanente novidade da vida” (FERRAÇO; ALVES, 2018, p.63).

Na direção para uma relação mais ecológica entre os diferentes saberes, Graça Reis e Inês Barbosa de Oliveira apontam, no terceiro capítulo, intitulado *Aprendizagens coletivas e ecologia de saberes: as rodas de conversa como autoformação contínua*, a importância da presença de um trabalho coletivo e colaborativo nas escolas, desencadeado por meio de um exercício de partilha. Para tanto, propõem uma autoformação em rodas de conversa pautada em narrativas, na socialização de experiências cotidianas e na busca coletiva de soluções. Nestes momentos, se propiciados no âmbito escolar, o professor se motiva a participar, promovendo, assim, sua autoformação e permitindo um debate e amadurecimento das ideias, além de suscitar aprendizagens coletivas e compartilhadas.

Sobre as rodas de conversa, é importante destacar ainda que elas são essenciais, sobretudo, para aqueles docentes que estão iniciando na profissão. Por meio das narrativas e conversas, compreendemos que professores em início de carreira podem melhor aprender e refletir sobre o cotidiano ao qual está se inserindo. Ademais, a oportunização de momentos de partilha pode contribuir para reforçar um sentimento de pertença e identidade à profissão.

Conversas: possibilidades de pesquisa com o cotidiano nomeia o quarto capítulo da obra, escrito por Andréa Serpa. Nessa conversa, a autora nos convida à descoisificação da pesquisa, que transforma sujeitos em objetos e produz estatutos de verdade, assim, ao mergulhar fundo nos cotidianos em que pesquisamos, exige que nós estejamos com nossos sentidos abertos para encontramos aquilo que não sabemos e não esperamos. A conversa, na perspectiva da autora, é a arte da imprevisibilidade e, ao compartilharmos nossas experiências e *histórias memórias*, nos misturamos com o *Outro*, tornando-o parceiro na narrativa do mundo (SERPA, 2018, p.93).

A autora nos ensina que a conversa é rizomática e nos diversos fios conectados encontramos nossa subjetividade, misturada na indissociação *experiência-narrativa-diálogo*. Narrar, portanto, é uma possibilidade de (com)partilhar experiências (SERPA, 2018, p.98) e as *experiências acontecimentos*, ao serem narradas, se envolvem numa relação íntima entre interlocutor-ouvinte, produzindo saberes, tecidos nas/em (com)partilhas. Destacamos a problemática da relação diálogo-conversa, na qual, no entendimento da autora, a ação de dialogar goza de certo privilégio na cientificidade enquanto a conversa apresentaria uma prática vulgar, ordinária e com trivialidade, justamente por ser obra do acaso.

É no acaso que a conversa se torna potente, porque não é regulada, não é territorial. Ela se entrega à cumplicidade, às afetações, onde ninguém perde ou ganha, mas, como acredita Andréa Serpa (p.116), todo mundo aprende. E nessa relação de mistura, nos tornamos, também, os outros *Outros*, como nos ensina Ferraço (2003), *caçacadores* em busca de nossas palavras nas palavras

de outros. Por isso, ao pensar em conversas em pesquisa, defendemos a necessidade de *pensarfazer* propostas *comOutros* e não *sobreOutros*. Pesquisar *com* é expressar os entremeios das relações tecidas na cotidianidade, “[...] nos diferentes *espaçostempos* vividos pelos sujeitos cotidianos. Acontecem nos processos de tessitura e contaminação dessas redes” (FERRAÇO, 2003, p.163).

A discussão que o livro apresenta é pertinente para se pensar na necessidade de uma postura mais aberta ao outro, mais dialógica, de escuta e fala por meio da conversa. É nesta direção que a conversa é apontada como princípio metodológico. Especialmente no capítulo *A conversa como princípio metodológico para pensar a pesquisa e a formação docente*, Rafael Marques Gonçalves, Allan Rodrigues e Alexandra Garcia explicitam o potencial deste princípio para e com a formação de professores, na partilha e produção de saberes docentes, possibilitando, assim, refletir e ressignificar o cotidiano das práticas com o outro, uma vez que propicia uma dimensão mais coletiva do trabalho.

Conversa, metodologia, acontecimento e rizoma são os caminhos que Maria Luiza Sússekind e Raphael Pellegrini nos convidam a trilhar no sexto capítulo – *Os ventos do norte não movem moinhos...* A autora e o autor entendem que a conversa, como uma proposta epistêmico-metodológica, são contra-hegemônicas, pois convocam saberes *Outros*, não hierarquizados, mas, sim, no movimento de provocar uma *ecologia das diferenças*, conceito desenvolvido pelo sociológico português Boaventura de Sousa Santos (2004). Nesse aspecto, a conversa é uma potente possibilidade para democratizar as relações científicas, ao passo que também potencializa o que é chamado por ela e ele de diversidade epistemológica do mundo, que nos provoca movimentar para “[...] desensurdecéder, desinibilizar, compartilhar e rizomatizar conhecimentos” (SÜSSEKIND; PELLEGRINI, 2018, p.146).

Nesse sentido, as conversas ofertam caminhos possíveis para a justiça social e cognitiva, uma vez que abrem oportunidades às vozes que historicamente foram silenciadas, reconhecendo suas narrativas como potencializadoras para que possamos *pensarfazer* uma sociedade democrática. Nesse aspecto, as conversas, como itinerantes, são epistemologias do Sul, bricolagens que contorcem as metodologias totalizadoras e de verdades absolutas do Norte. Por isso, essa autora e esse autor (e nós também) acreditam que os ventos do norte não mais movem moinhos, afinal, a conversa como metodologia de pesquisa é a arte do acontecimento – como nos ensina Foucault (2014)–do aqui e do agora, interroga a escritura rígida das palavras, irrompe a tradicionalidade da narrativa, esvazia e desmantela estruturas, desterritorializa e forma novas e sempre movimentadas maneiras de ler o mundo que nos cerca.

Ao conduzir o leitor a se perguntar se é possível a conversa como metodologia de pesquisa, Tiago Ribeiro, Rafael de Souza e Carmen Sanches Sampaio, no sétimo capítulo, intitulado *É possível a conversa como metodologia de pesquisa?*, ratificam que se trata de um princípio singular de pertença e escuta; um espaço de pensar junto aos outros e com outros, e, portanto, é possível sim, e enriquecedor, pesquisar o cotidiano por meio de conversação, pois vai além de um simples método, de um processo arbóreo, mecanizado.

Conversa, do latim, *conversatio*, significa viver com, encontrar-se. Este significado nos remete a uma ação rizomática, de encontro nas conversações e partilhas que pode nos levar a diferentes caminhos. Conversar, portanto, é uma postura disponível, de escuta e entrega, de

deixar a palavra do outro ressoar e, assim, aprender a nos tornar outro de nós mesmos, nos (trans)formando.

O potencial democrático da pesquisa-ação participativa (par) – resistindo ao neoliberalismo e à nova gestão pública em escolas e universidades é o oitavo e último capítulo da obra, escrito por Gary Anderson, professor da Faculdade de Educação da Universidade de Nova Iorque e traduzido por Luiz Eduardo Freitas, Mestre e Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Neste texto-conversa, Gary Anderson propõe pensarmos que “[...] a pesquisa participante em escolas e universidades e os sistemas de responsabilização implementados de cima para baixo são incompatíveis” (ANDERSON, 2018, p.182) e aí encontramos terreno fértil para implementação de políticas neoliberais que visam resultados e desconsideram processos. As parcerias público-privadas têm criado novas formas de gerencialismo, chamadas pelo autor de Nova Gestão Pública (NGP), com foco no monitoramento e na busca de resultados de *performance*.

Nessa visão, à medida que a NGP alarga sua atuação, fecha o espaço para atuação de pesquisas qualitativas, sobretudo, a pesquisa-ação participativa (PAR), cujos princípios são democráticos, “representa uma forma de mobilização de conhecimento com potencial de combater a NGP tanto em universidades quanto em escolas” (ANDERSON, 2018, p.183). Para o autor, a PAR é a possibilidade do novo, de formar relações são horizontalizadas, é uma forma de aliança entre pesquisadoras e pesquisadores das universidades com as escolas, construindo, desse modo, novas formas de *pensarfazersaberes* em pesquisa, promovendo emancipação das pessoas que participam, desmantelando a cultura de auditoria, testes e quantificação.

Esta é uma obra que todo pesquisador e toda pesquisadora deve conhecer, que cabe na graduação, na pós-graduação e nos processos formativos que acontecem na e com a escola e seus professores e professoras. Enfim, interessa a todos e todas que desejam mergulhar nos *espaçostempos* e nos *saberesfazeres* que tecem o cotidiano e as pesquisas com os cotidianos. O convite está feito: venha, entre nessa roda de conversa!

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas** – sobre redes de saberes. Petrópolis; DP et al, 2008, p. 13-38.
- DELEUZE; Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**.2ª ed. São Paulo; Editora 34, 2011.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Petrópolis: DP&A, 2003, p. 157-175.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**.28ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as Ciências revisitado**.São Paulo: Cortez, 2004, p. 237-280.